

## UM MINUTO DEPOIS DA MEIA-NOITE: FEITIÇO E LABIRINTO NO TEMPO<sup>1</sup>

Francisco de Moura Pinheiro<sup>2</sup>

### RESUMO

Estilete vermelho em caule febril, a questão do tempo desafia e enche de terror o coração do ser humano desde que se tornou presente em seu pensamento a irreversibilidade da sua finitude. Ao longo dos séculos foram muitos os intelectuais, filiados às mais variadas ideologias e correntes de pensamento, que se debruçaram sobre o problema, sem, no entanto, jamais se haver chegado a uma verdade definitiva, ou sequer aproximada, sobre o tema. Tecer considerações sobre essa apaixonante questão, a partir da convergência de conceitos filosóficos e da produção cinematográfica contemporânea é a proposta deste artigo. Para tal, são analisados os filmes Feitiço do Tempo (1993), Meia-Noite e Um (1993) e Labirinto do Tempo (2010), à luz de pensadores como, entre outros, Jorge Luis Borges, Henri Bergson, Santo Agostinho e Juan Antônio Rivera.

**PALAVRAS-CHAVE:** cinema; comunicação; ficção; filosofia; tempo.

### ABSTRACT

The issue of time is a challenge and it fills the human heart with terror since it is present in his thought the irreversibility of its finitude. Over the years, many intellectuals affiliated to various ideologies and schools of thought that have looked into the problem, without, however, have a final truth or even approximate on the subject. Write about this exciting issue, based on the convergence of philosophical concepts and contemporary filmmaking is the purpose of this article. Because of this, the article analyzes Feitiço do Tempo (1993), Meia-noite e um (1993) and Labirinto do Tempo (2010) according to thinkers such as Jorge Luis Borges, Henri Bergson, Santo Agostinho and Juan Antonio Rivera.

**Keywords:** Cinema; communication; fiction; philosophy; time.

### 1. A história da eternidade

Compreender o tempo tem sido uma espécie de obsessão dos seres humanos desde o sopro divino no barro inanimado, de acordo com o dogma da criação, ou desde que o ancestral primata desceu da árvore na imensidão selvagem da savana africana, de acordo com as teorias evolucionistas. A finitude da vida, provavelmente, é que alimenta

---

<sup>1</sup> Texto apresentado à área de conhecimento Narrativas Audiovisuais.

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e jornalista na Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: fdandao@gmail.com.

essa obsessão. Preso numa teia que o condena ao tûmulo, logo ao nascer, o homem luta para desvendar esse mistério da temporalidade.

Assim, pensadores, filósofos, místicos e cientistas, a despeito da esfinge que continua a devorá-los inexoravelmente, têm queimado os neurônios em busca de pistas que possam levá-los a algum tipo de argumento esclarecedor. Meio tom entre trevas e luz, universo circular, os diversos cálculos e teoremas até agora demonstram apenas um caminho voltando ao ponto de partida. De Newton a Einstein, passando pelo ser primitivo de 2001 – Uma Odisséia no Espaço (filme de Stanley Kubrick, 1968), que joga um osso para o ar em desafio ao céu, antes e depois não existem.

Se for levada em conta essa inexistência do antes e do depois, dado que somente se pode viver o instante – o que já foi é memória e o que virá é imponderável –, chega-se à conclusão de que é exatamente este o fator que surge como o elemento mais instigante do mistério do tempo. E dessa forma, talvez seja possível dizer que o tempo só existe na consciência dos homens para determinar a sua finitude. É absolutamente humano o tempo que distingue presente, passado e futuro. “O homem é perecível porque vive no tempo. É o tempo simultaneamente sua condição de existência e sua prisão”, explica Teixeira (2010, p. 81). Ao homem não é possível conceber a vida sem os limites da sua duração. Provavelmente sejam esses limites que tornam a existência humana suportável: a memória do que foi e a possibilidade do que poderá vir.

Para o escritor argentino Jorge Luís Borges, autor de vários textos sobre a questão do tempo, este seria um dos problemas mais essenciais da humanidade e do qual não se pode prescindir. “Nossa consciência está continuamente passando de um estado a outro, e isto é o tempo: uma sucessão. Creio que Henri Bergson disse que o tempo era o problema capital da metafísica”, diz Borges (1996, p. 42). Um problema insolúvel, uma vez que, caso fosse resolvido, se resolveria tudo. “Felizmente”, continua Borges (1996, p. 42), “creio que não há nenhum perigo de que ele se resolva, ou seja, permaneceremos sempre ansiosos”. E, ainda que teoricamente, sequer existe quem seja capaz de definir o tempo. “Sempre seremos capazes de dizer, como Santo Agostinho: ‘Que é o tempo? Se não me perguntam, eu sei. Se me perguntam, eu ignoro’” (BORGES, 1996, p. 42).

É de Santo Agostinho (2000), a propósito, a ideia do tempo que se opõe à eternidade. Essa é uma noção que pode ser encontrada no livro XI das *Confissões*. O pensador católico, ao levantar questões tais como a de qual seria a ocupação de Deus antes da criação do mundo, dá a entender que não se pode estabelecer um antes e um

depois a partir do ato do Criador. Apoiado exclusivamente num dogma religioso e na fé cristã, Santo Agostinho explica que a inserção de Deus no tempo remeteria à ideia de uma temporalidade para o espírito da divindade. Ao inserir a divindade num universo temporal, nada mais estaria sendo feito do que colocá-lo no mesmo patamar dos humanos. Assim, com a transcendência de Deus ao tempo, reforça-se a afirmação de uma temporalidade essencialmente voltada para estabelecer a noção de passagem do ser humano. O tempo, então, não passaria: seria um marco para a nossa passagem.

Já no que concerne a Bergson (2010), a concepção deste autor sobre o problema faz referência ao passado, ao presente e ao futuro, como sendo momentos que se entrecruzam. Em outras palavras, o tempo deixa de ser pensado em sua linearidade, diferentemente, portanto, quase que de maneira oposta pode-se dizer, à maneira como usualmente se pensa. Bergson trata o passado como um antigo presente, ao mesmo tempo em que o considera reconstituído por esse presente. Um faz parte do outro. Nesse sentido, é possível dizer pelo menos duas coisas, de acordo com o pensamento deste autor. Primeira: a memória faz com que um acontecimento permaneça pela organização do antes e do depois. Segunda: a ação humana, que compõe a identidade essencial dos sujeitos, é movida pela inter-relação dos tempos passado, presente e futuro.

Além de citar Henri Bergson e Santo Agostinho nas suas divagações sobre o tempo, Borges cita o filósofo pré-socrático grego Heráclito, ao duvidar que mesmo depois de trinta séculos o homem consiga avançar na análise do problema do tempo. “Eu diria”, explica Borges (1996, p. 42), “que sempre sentimos essa antiga perplexidade, aquela perplexidade mortalmente experimentada por Heráclito, naquele exemplo ao qual volto sempre: por que ninguém desce duas vezes o mesmo rio?” A resposta vem do pensamento do próprio Jorge Luis Borges. “Em primeiro lugar, porque as águas do rio correm. Em segundo e isso é algo que já nos toca metafisicamente, que nos causa como que um princípio de horror sagrado – porque nós mesmos somos igualmente um rio, nós também somos flutuantes” (BORGES, 1996, p. 42).

Apesar de acreditar que o problema do tempo não pode ser resolvido, dada a sua característica de eternamente fugidio, bem como ao fato de que o homem é feito, em grande parte, da sua memória, sendo que essa, por sua vez, se constitui também pelo fator esquecimento, Borges (1996) propõe uma revisão das soluções apresentadas por Platão, Plotino e Santo Agostinho. Antes, porém, de revisar as soluções apresentadas por esses três pensadores, Borges (1996) faz uma espécie de preâmbulo, discorrendo sobre a eternidade e afirmando que esta não passa da soma de todos os tempos passados

com o presente. “A eternidade é todos os nossos tempos passados, todos os tempos passados de todos os seres conscientes. Todo o passado, esse passado que não se sabe quando começou. E, naturalmente, todo o presente” (BORGES, 1996, p. 43).

Quanto às soluções, Borges (1996) inicia por Plotino, explicando que para este autor o tempo se divide em três partes, mas que todos são apenas um: o presente. “Plotino disse que há três tempos, e os três são o presente” (BORGES, 1996, p. 43). Segue com Platão, explicando que para este o tempo é a imagem da eternidade. “(...) o tempo é a dádiva da eternidade. A eternidade nos permite todas essas experiências de um modo sucessivo (...)” (BORGES, 1996, p. 43). E conclui com Santo Agostinho, fazendo alusão à angústia do pensador católico, que afirmava sentir sua alma arder por não saber explicar o tempo. “Ele pede a Deus que lhe revele o que é o tempo. Não por vã curiosidade, mas, sim, porque ele não pode viver sem saber isso. Esta se torna a pergunta essencial, (...) o problema essencial da metafísica” (BORGES, 1996, p.43).

Por fim, para encerrar a primeira parte deste artigo, vale a pena conhecer duas teorias aludidas por Borges sobre a questão tempo. A primeira delas estabelece a metáfora de um rio que corre desde o princípio até aqui. O tempo é um rio que corre incessantemente por toda a eternidade. Essa é a teoria que corresponde ao pensamento da maioria das pessoas. A segunda teoria, proposta pelo metafísico inglês James Bradley (apud BORGES, 1996, p. 45) dá conta de que o tempo é um rio sim, mas corre ao contrário: do futuro para o presente. No dizer de Bradley, garante Borges (1996, p. 45), “(...) aquele momento no qual o futuro se torna passado é o momento que chamamos de presente”. Borges completa o raciocínio dizendo que embora possamos escolher entre as duas teorias, tudo permanece igual. “Sempre estaremos diante do rio do tempo” (BORGES, 1996, p. 43).

## **2. O tempo no cinema hollywoodiano**

O esforço inútil das mais diversas correntes de pensadores ao longo da história não impediu o cinema, tanto faz se hollywoodiano ou não, de também tentar resolver o dilema do tempo. Na ficção saída dos estúdios cinematográficos, cuja concepção de tempo está mais próxima da ideia de espaço, os personagens se deslocam para quaisquer direções e vivem as aventuras mais estapafúrdias, algumas vezes alterando o curso dos eventos passados, outras vezes atuando somente como espectadores da cena igualmente passada (as viagens para o futuro, não raro servem somente como alerta do que poderá

vir se o presente continuar como está). No primeiro caso a ideia de alterar os eventos passados decorre da proposição de modificar o presente; no segundo caso, a observação serve apenas para ajudar a compreender ou desvendar algum tipo de mistério da atualidade.

Da segunda metade do século XX até os dias atuais, inúmeros filmes com essa temática levaram multidões às salas de cinema. Casos, por exemplo, dos títulos seguintes: Um Século em 43 Minutos (*Time After Time* - 1979), inspirado no livro de Karl Alexander; De Volta para o Futuro (*Back to the Future* - 1985), fruto de uma parceria entre Robert Zemeckis e Steven Spielberg; Bill e Ted: uma Aventura Fantástica (*Bill & Ted's Excellent Adventure* - 1989), com Keanu Reeves; 12 Macacos (*Twelve Monkeys* - 1995), com Bruce Willis; Alta Frequência (*Frequency* - 2000), com Dennis Quaid; Efeito Borboleta (*The Butterfly Effect* - 2004), com Ashton Kutcher; A Casa do Lago, com Sandra Bullock (*The Lake House* - 2006); Déjà Vu (2006), com Denzel Washington; e Contra o Tempo (*Source Code* - 2011), com Jake Gyllenhaal.

Uma parte desses filmes sobre essa temática, na qual não se insere nenhum dos listados no parágrafo anterior, entretanto, chama a atenção por tratar o tempo em forma de limite, fazendo com que um dia se repita interminavelmente. Nessa espécie de prisão temporal, somente determinados personagens são capazes de lembrar que já viveram aquele dia. E assim, ao lembrar-se de tudo o que já aconteceu, tratam de estabelecer pequenas alterações nas suas atitudes, fazendo com que a partir do momento da mudança o dia transcorra de maneira diferente. É o caso dos filmes Feitiço do Tempo (*Groundhog Day* - 1993), comédia com Bill Murray e Andy MacDowell; Meia-Noite e Um (12:01 - 1993), ficção científica com Jonathan Silverman e Helen Slater; e Labirinto do Tempo (*Repeaters* - 2010), drama com Alexia Fast e Benjamin Ratner.

Feitiço do Tempo, filme dirigido por Harold Ramis, tem como personagem central um apresentador de previsões meteorológicas de uma emissora de TV. Phil Connors (Bill Murray), o tal apresentador, é um sujeito extremamente egocêntrico, sem afeto por ninguém, tanto faz se do ponto de vista do amor ou da amizade. A trama se inicia quando Phil é enviado para uma cidade chamada Punxsutawney, no estado da Pennsylvania (Estados Unidos) para cobrir o Festival da Marmota (*Groundhog Day*). A crença que alimenta o festival é a de que neste dia, depois de hibernar durante todo o inverno, a marmota acorda e sai da sua toca pela primeira vez, após vários meses. Se ao sair a marmota ver a sua própria sombra, ela trata de voltar à toca para hibernar por seis

semanas e prolongar o inverno; se, ao contrário, ela não ver a sua sombra, se manterá do lado de fora e, conseqüentemente, isso é sinal de que a primavera começará mais cedo.

Aborrecidíssimo por ter sido designado para cobrir o Festival da Marmota, Phil fica mais irritado ainda pelo fato de ser obrigado a pernoitar em Punxsutawney, por causa de uma nevasca que impede o tráfego dos veículos na região. No dia seguinte, Phil vê mais uma vez frustrada a sua intenção de ir embora, dada às mesmas condições do dia anterior. A surpresa vem depois do segundo pernoite, quando Phil se dá conta que os dias estranhamente estão se repetindo. Ninguém mais além de Phil percebe que os dias se repetem. O que era aborrecimento aos poucos se transforma em angústia para o personagem. Preso naquela armadilha, entretanto, Phil se dá conta que a melhor maneira de encarar o seu novo destino é mudar a sua maneira de se relacionar com o mundo, abrindo-se para novas aprendizagens e descobrindo valores humanos até então deixados de lado.

Meia-Noite e Um, sob a direção de Jack Sholder, tem uma trama semelhante a Feitiço do Tempo, no que diz respeito ao dia que se repete, e no tocante à consciência disso permanecer restrita somente a um personagem. O filme conta a história de Barry Thomas, um tímido analista de recursos humanos que tem uma existência sem qualquer perspectiva de futuro, num emprego monótono. Além disso, não tem coragem de se declarar para a jovem que admira à distância. Para completar, Barry é assediado por um amigo chatíssimo que vive se gabando de supostas conquistas amorosas, bem como lhe pregando peças de duvidoso gosto. Não bastassem esses fatores, Barry, vive chegando atrasado ao emprego, recebe telefonemas “protetores” da mãe distante, e leva broncas da chefe imediata, por causa de relatórios que, segundo ela, o citado personagem está sempre devendo.

Acontece que a empresa onde Barry trabalha desenvolve um projeto secreto de um acelerador de partículas, cuja uma das principais cientistas, Lisa Fredericks, é justamente a mulher por quem ele está apaixonado. Lisa sequer nota a presença de Barry, que vive imaginando estratégias para chamar a atenção da moça. Num determinado dia, quando mais uma vez nada deu certo para Barry, ele vê a sua pretendida namorada ser assassinada, mas percebe que o dia entrou em *loop*, por conta de um erro nos testes do acelerador de partículas. Um minuto depois de meia-noite o dia passa a se repetir, proporcionando chances a Barry para mudar o que deu errado no dia anterior. Quanto à explicação para o fato de Barry se lembrar do dia anterior, ela vem na

forma de um insólito choque elétrico que ele levou na hora em que o acelerador de partículas entrou em testes.

Labirinto do Tempo, dirigido por Carl Bessai, centra na história de três ex-drogados (dois homens e uma mulher), internados numa clínica de reabilitação. Eles vivem com horários fixos para dormir, acordar, fazer refeições e participar de sessões de terapia onde contam as suas experiências. Sentem-se nitidamente aborrecidos com a situação e o tratamento não parece fazer o efeito desejado. A clínica dá aos internos um dia livre para fazerem o que bem entenderem. Os três personagens em torno dos quais a trama gira aproveitam para visitar parentes. Mas nenhum deles é bem sucedido em suas visitas. Um é execrado pelo pai presidiário, que o culpa pela situação; o outro é impedido de falar com a irmã, que o odeia por conta do seu vício; e a garota não tem coragem de falar com o moribundo pai, por conta de mágoas antigas não resolvidas.

O filme se desenvolve a partir de três núcleos de tensão: a percepção de que o mesmo dia está se repetindo, aparentemente de forma infinita nas vidas dos três; a tentativa de dois deles de compreender o que está acontecendo; e as atitudes do terceiro personagem que, ao se dar conta que no dia seguinte tudo voltará a ser como antes, trata de cometer todas as loucuras que lhe dão na cabeça, inclusive, ou principalmente, atos infracionais. Os dois que tentam compreender o rumo dos acontecimentos passam a procurar um jeito de quebrar a sequência e, dessa forma, fazer com que o tempo volte a fluir da forma normal. Já o terceiro zomba dos esforços dos antigos amigos e os convida para desfrutarem o momento da pior maneira possível, dado que o amanhã não trará nada de novo. Viver intensamente e sem culpas o dia, já que o futuro não existirá.

### **3. Os pequenos e imperceptíveis aprisionamentos**

Múltiplas possibilidades de caminhos interpretativos se oferecem ao espectador menos distraído a partir desses filmes onde os personagens, presos a um dia que se repete, buscam, simultaneamente, escapar da armadilha e novas perspectivas para sua vida. As certezas podem ser confirmadas, pelo grau de satisfação que emerge da ação decorrente, assim como os erros podem ser corrigidos, levando-se em conta o desgosto e a insatisfação oriunda do acontecimento. Em princípio, depois do espanto inicial causado pela repetição dos fatos, a situação se configura cômoda, pela onisciência de quem sabe o que acontecerá no minuto seguinte. A angústia que se segue, entretanto, se configura, no mais das vezes, quase desesperadora, dado ao fato de que nada mais

acontecerá depois do dia que se repete indefinidamente. A lucidez e a clarividência a respeito do próprio destino se dissipam ante a certeza de que não existe nada por vir.

Trama por trama, porém, embora a temática central em torno da qual giram os roteiros seja igual para os três filmes destacados neste artigo, existem especificidades relativas a cada um deles. Em *Feitiço do Tempo*, a magia aludida no título, relacionada à transformação pelo qual passa o personagem, sugere uma denúncia a respeito dos pequenos aprisionamentos aos quais a existência estabelece para cada um de nós e de como eles nos criam rotinas imperceptíveis. O tempo, em vez de inimigo irremediável, passa a ser contingência inevitável para Phil Connors. Em *Meia-Noite e Um*, o enredo sugere a ideia de quanto se deve lutar por um ideal (no caso uma conquista amorosa). E em *Labirinto do Tempo* a mensagem principal é a de que os grilhões que nos atam a uma situação não nos deixam avançar, mas nós podemos quebrá-los com as nossas atitudes. O exercício do perdão mostra a trilha para redentora liberdade.

Explicando melhor a assertiva sobre *Feitiço do Tempo*, sobre os pequenos aprisionamentos aos quais somos submetidos em nossas rotinas, é certo que Phil, um apresentador de TV mal-humorado e cheio de empáfia, ao ver o seu dia se repetir, se dá conta do seu vácuo existencial, caracterizado pela sua rotina de vida, da qual ele era incapaz sequer de perceber, quanto mais de escapar. E mesmo sem chegar a um denominador comum se o tempo pode ser caracterizado como sucessão ou duração, se aponta numa direção ou se não sai do lugar, se passa ou marca a nossa passagem, se é rio ou se é pedra, se é finito ou infinito, se existe independente da memória, como até hoje não concluíram os filósofos de todas as tendências, ainda assim Phil se descobre capaz de mudar o seu destino. Ao perceber isso quebra o feitiço do seu tempo.

Além disso, é possível dizer que as peripécias de Phil Connors apontam para a ideia de que uma das buscas mais profundas (provavelmente a primeira e também a última) do ser humano é a de um sentido para o mundo. O fato de não saber por que estamos aqui, em vez de em nenhum lugar, ou então porque existe tudo em vez de nada, não significa que não se deva buscar esse sentido. É essa busca exatamente que nos insere neste mundo e, por extensão, nos dá o sentimento de continuidade. Uma permanência que, voltando ao tema central deste artigo, nos dá a sensação de vencer o tempo da nossa finitude. Para que a busca de Phil chegue a bom termo e ele, enfim, sinta-se transcendente, depois de o tempo dele passar, o filme sugere a ideia da transformação, onde o personagem constrói e reconstrói os fenômenos em volta de si.



Em *Meia-Noite e Um*, o tempo que se repete conspira a favor de Barry Thomas. Lisa Fredericks, a cientista por quem Barry está apaixonado faz parte de uma realidade totalizante que circunda a sua vida. Lisa não é vista como elemento único no preenchimento da vida de Barry. Ela é mais um aspecto da existência dele que não dá certo. O filme resolve muito bem essa situação, demonstrando que, mesmo sendo o principal foco da luta de Barry, Lisa é parte de um todo. Não é Lisa, especificamente, que não dá certo na vida de Barry. O que não dá certo é a própria vida. Barry precisa solucionar vários aspectos da sua existência. Solucionando um, todos os outros estarão solucionados. Mas para isso, Barry deve sair da sua postura reflexiva e partir para a ação, com a vantagem de saber o que sucederá a cada instante do seu repetido dia.

Assim como em *Feitiço do Tempo*, em que Phil Connors aproveita as suas repetidas chances, a repetição do dia em *Meia-Noite e Um* faz com que Barry Thomas mude as suas atitudes para chegar ao fim almejado. A diferença entre um filme e outro é que o primeiro faz alusão à magia, à transformação da personalidade pela consciência do próprio erro, enquanto que em *Meia-Noite e Um*, o que deve ser interrompida é uma experiência científica. Nos dois, porém, se configura clara a ideia de que conhecimento e transformação não se materializam apenas pela contemplação. A contemplação enseja o conhecimento, mas a transformação somente poderá acontecer a partir da ação dos agentes. O ser prático precisa entrar em ação. Tanto em um como no outro se destaca a ideia da transformação da coisa para si após conhecer essa coisa em sua essência.

Em *Labirinto do Tempo*, conforme foi dito anteriormente neste artigo, a transformação espiritual, pelo exercício do perdão, é que conta para a mudança da vida. Transformar-se espiritualmente também passa por um processo de conhecimento. Nesse caso não necessariamente da materialidade em volta, mas da alma dos personagens. Em comparação com os outros dois filmes comentados, é como se nos fosse dito, fazendo leituras cruzadas, que o homem vive em muitos mundos, necessitando de várias chaves para passar de um ao outro. A realidade possui muito mais significados do que podemos apreendê-los com os cinco sentidos. O pai da personagem mulher (Sônia) não pode morrer antes de obter o perdão da filha, para o bem dela mesma. A irmã do protagonista (Kyle) deve perdoá-lo para que ele possa viver plenamente. O pai do outro personagem homem (Weeks) precisa também perdoá-lo para eliminar os demônios deste.

O tempo volta para que cada um deles resolva os seus problemas existenciais. Como se numa lição religiosa - afinal a mensagem principal do filme explicita que é pelo exercício do perdão que os personagens podem expiar as suas culpas e chegar à

redenção -, dois personagens (Kyle e Sônia) correm atrás dos seus ofendidos enquanto que o terceiro (Weeks) prefere continuar gastando as oportunidades que lhe são concedidas para se afundar cada vez mais no abismo da sua transgressão moral - roubo, estupro e assassinato fazem parte da sua rotina. A impressão de metáfora religiosa é reforçada pelo início do filme quando surge na tela uma frase de que não se deve esperar pelo julgamento final, uma vez que ele segue acontecendo todos os dias. Nada mais místico do que a sugestão de uma vida virtuosa para evitar a danação eterna.

No desfecho percebe-se a entrada em cena de outro componente usual da indústria cinematográfica: a proposta maniqueísta de que os valores morais atribuídos ao bem sempre prevalecem, restando o castigo, em contrapartida, ao sujeito do mal. Weeks, imaginando que o dia se repetiria, e que na manhã seguinte nada daquilo teria acontecido, mata um homem, é perseguido pela polícia e acaba cometendo suicídio. Mas não sem antes ameaçar a irmã de Kyle, ex-amigo e antítese das suas escolhas. Enquanto isso, o tempo devidamente aproveitado pelos personagens do “bem” (Kyle e Sônia), trata de premiá-los com a reintegração social, que no começo do filme ficou sugerida como extremamente difícil, dado o elevado grau do desvio de conduta dos dois ex-viciados em busca de uma improvável recuperação. Mais maniqueísta, impossível!

#### **4. Considerações finais**

Além das peculiaridades já comentadas neste artigo, com relação ao tempo tratado pelos filósofos e o tempo abordado pelo cinema, a partir dos filmes evidenciados, pode-se enveredar por várias linhas de raciocínio. É o caso, por exemplo, dos valores envolvidos quando se decide por uma determinada ação; de como isso desencadeia decisivamente um turbilhão de acontecimentos na vida de alguém; e de como o autor da escolha fica sem saber o que aconteceria a si mesmo e aos que lhe rodeiam se a sua escolha tivesse sido outra. No caso dos três filmes usados, dado que o dia se repete indefinidamente, as escolhas podem ser refeitas também indefinidamente, ficando o personagem à vontade para decidir qual aquela que melhor se adequará às suas aspirações. Tentativa, erro e nova tentativa até a perfeita depuração do destino.

Nesse sentido de voltar um dia atrás para consertar o que, de outra forma, seria definitivo e irremediável, como se numa espécie de entrecruzamento de passado, presente e futuro, é impossível não lembrar as ideias de Bergson, citado na primeira parte deste artigo, para quem o tempo, nesse caso, poderia deixar de ser pensado de

forma linear, passando de um ponto A para um ponto B, como aquele rio de Heráclito que flui constantemente da nascente para o mar. Ao se entrecruzarem, passado, presente e futuro formariam um só tempo. O rio aqui, além de estabelecer um percurso circular, correria em duas direções, dependendo apenas do momento do dia repetido. Somente a identidade do sujeito/personagem é que iria se refazendo, a partir das suas múltiplas escolhas e da presentificação perpétua estabelecida pelo entrecruzamento temporal.

Por outro lado, a metáfora do rio de Heráclito também pode ser aplicada às histórias dos filmes escolhidos para este artigo se imaginarmos a ideia de que não é o mesmo rio de depois. “Somos sempre Heráclito vendo-se refletido no rio e pensando que o rio não é o rio, porque suas águas mudaram, e pensando que ele não é Heráclito porque ele foi outras pessoas entre aquele último momento em que viu o rio e este.” (BORGES, 1996, p.48). Os personagens principais de *Feitiço do Tempo*, *Meia-Noite e Um* e *Labirinto do Tempo* vivem essa metamorfose contínua, com uma diferença fundamental no que diz respeito ao resto do mundo: a consciência de passarem pelo processo. Todos os outros personagens, tanto faz se dos filmes quanto da vida real, não percebem as mudanças de cada instante, tendo, assim, a ilusão de que continuam iguais.

No que diz respeito às escolhas de cada personagem para mudar a própria vida, cada vez que o dia se repete, isso nos remete à ideia de que muitas vidas são possíveis para cada um de nós, sendo que não prestamos atenção à maioria delas. Trata-se de uma menção ao fato de que a aludida racionalidade humana não nos dá elementos suficientes para que tenhamos uma visão mais geral das possibilidades das nossas escolhas e ao fato de que acabamos tomando decisões de forma mais automática do que analítica. A capacidade de prever qual “aspecto tem nossa árvore de decisão além dos ramos mais imediatos (os períodos mais próximos no tempo) é extremamente restrita”, segundo Rivera (2013, p. 168). Metas são traçadas por todas as pessoas, mas, do ponto de vista racional, muito do que se pode fazer para atingi-las é deixado de lado inadvertidamente.

“O nosso poder para conduzir de maneira racional nossa existência na direção das metas que traçamos para nós é muito mais reduzido do que a nossa habitual petulância racionalista agradavelmente nos faz crer”, explica Rivera (2013, p. 168). A própria expressão “decisão”, ainda de acordo com Rivera (2013, p. 168) está longe de ser real, no tocante ao que resolvemos fazer, do ponto de vista dos conceitos de racionalidade. A não ser (agora é o autor deste artigo quem fala) na “subversão” do conceito de tempo, memória, eternidade e existência proposto pelos filmes comentados, quando os personagens, sabedores do que acontecerá se suas “decisões” forem as

mesmas do dia anterior, optam racionalmente por agir de maneira diferente. É como se os personagens, dessa forma, estivessem dotados de uma espécie de metapreferência.

E a partir dessa metapreferência, pelo menos uma grande vantagem se configura: a de apreender a realidade como algo maior do que uma imagem escorregadia que se esvai a cada instante, deixando de sê-lo antes que possa ser captada pelas nossas consciência e racionalidade, votando a sê-lo e novamente se esvaindo, como numa espécie de jogo de eterno ir e voltar, permanecendo para sempre no mesmo lugar. Ao passar, permanece. Da forma como a apreendemos usualmente, essa realidade só pode ser vislumbrada por determinadas perspectivas, sendo historicamente mutável e jamais podendo ser captada na sua estrutura última, conforme ensina Gonseth (1948, apud KOSIK, 1976, p. 48), para quem “o conhecimento humano chega até à criação de vários horizontes ou de imagens do real, mas nunca atinge a ‘definitiva’ realidade da coisa”.

Nada dessas considerações, porém, convém ressaltar, tem a intenção de apelar para algum tipo de incentivo à desistência da racionalidade, levando em conta a impotência aludida para a condução do próprio destino. Deixar que as coisas simplesmente ocorram, conforme explica Rivera (2013), fará com que os que renunciarem à tomada das decisões tenham uma vida de qualidade muito inferior à que terão os que tomam decisões. No dizer desse autor, apesar da incerteza de onde se poderá chegar e da consciência de que as decisões nem sempre surtirão o efeito desejado, bem como dos “nossos limitados poderes intelectuais para escolher a longo prazo (...)” (RIVERA, 2013, p. 168), não se pode declinar do ofício da decisão, muito menos se pode deixar de constantemente colocar à prova os próprios objetivos morais.

Entre os filmes e a vida real, a grande diferença nesse aspecto do dia que volta e do dia que segue, é a inexistência, naqueles (filmes), e a presença nesta (a vida real) do acaso e da racionalidade que não podem determinar o que virá a seguir. A vida de um indivíduo toma os mais variados rumos, no mundo real, de acordo com a soma dos fatores imponderáveis e das decisões tomadas. Nos filmes, embora a racionalidade conduza a um fim, os personagens tem a chance de refazê-la, como melhor lhes aprouver. Isso até o momento em que, sem que possam determinar, o tempo trate de retomar o seu curso normal (ou como o percebemos). Como os três filmes primam pelo aspecto das mensagens de cunho altruísta e moralizante, o tempo volta a fluir da forma como estamos acostumados quando as decisões dos personagens fazem com que suas vidas adquiram o equilíbrio ideal.

O que a ficção cinematográfica sobre o tempo não resolveu, pelo menos nos filmes analisados, foi a questão da eternidade. É que ao fazer o dia voltar, cessa o postulado platônico de que todas as experiências são vividas de um modo sucessivo. Se a eternidade configura-se em todos os tempos passados de todos os seres conscientes, então, voltar sempre ao mesmo ponto após uma noite de sono (amnésia, alucinação, sugestão inconsciente, interferência divina ou fenômeno físico) se configura numa interrupção desse fluxo. Não havendo futuro, não haverá também nada novo para ser lembrado. É certo que num dado momento dos filmes a “magia” é interrompida. Mas aí, como uns (os que tinham consciência da repetição do dia) tem lembranças que os outros (os que não sabiam que viviam o mesmo dia) não tem, então, o que se chama de eternidade perde a unidade. Se a eternidade de uns não é a de outros, os tempos de ambos também são diferentes.

E assim, apesar do cinema, voltamos à angústia de Santo Agostinho sobre a certeza de saber exatamente o que é o tempo, desde que ninguém ouse nos perguntar.

## 5. Referências bibliográficas

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução J. Oliveira e Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória** – Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BORGES, Jorge Luis. **Cinco visões pessoais**. Tradução Maria Rosinda Ramos da Silva. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1999.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Tradução Célia Neves e Alderico Toríbio. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

RIVERA, Juan Antonio. **O que Sócrates diria a Woody Allen**. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Planeta, 2013.

TEIXEIRA, Heurisleides Sousa. **Concepções de tempo e memória em Jorge Luís Borges: uma análise dos contos “Funes, el memorioso” e “La biblioteca de Babel”**. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, 2010.

## Endereços eletrônicos consultados

<http://meumundo-alternativo.blogspot.com.br/2011/09/critica-repeaters.html>

<http://www.geraisnews.com.br/as-cinco-mais/item/4401-os-melhores-filmes-de-viagem-no-tempo.html>

<http://polifonias.wordpress.com/2011/02/21/o-feitico-do-tempo>

<http://rosebud-rose-bud.blogspot.com.br/2006/10/o-feitio-do-tempo.html>